

Medellín e a teología feminista*

Ivone Gebara**

Recepción: 30 de agosto de 2018 • Aprobación: 24 de septiembre de 2018

Resumo

O artigo procura estabelecer a relação entre a Conferência de Medellín e a teologia feminista. Portanto, o primeiro nível de reflexão procura fazer uma avaliação da igualdade simbólica e da desigualdade real presentes no documento final sobre o assunto. Depois, é explicado em que medida Medellín se tornou um evento libertário fundamental. Logo a seguir, a categoria opção pelos pobres em toda a sua riqueza é retomada, para então fazer uma abordagem crítica de suas implicações. Por fim, o texto propõe horizontes abertos para a teologia feminista na sociedade atual.

Palabras-chave: Medellín, teologia feminista, opção pelos pobres, teologia da libertação, mulher.

* Artículo de reflexión preparado para el Primer Congreso Internacional de Teología Latinoamericana y del Caribe: 50 años de Medellín: Iglesia y signos de los tiempos, desarrollado en la Universidad Santo Tomás entre el 16 y el 19 de octubre de 2018. Citar como: Gebara, I. (2019). Medellín e a teología feminista. *Albertus Magnus*, X(1), 73-88. Doi: <https://doi.org/10.153322/5005413.5112>.

** Canónigas Regulares Lateranenses de San Agustín. Correo electrónico: ivonegebara@gmail.com

Medellín y la teología feminista

Resumen

El artículo busca establecer la relación entre la Conferencia de Medellín y la teología feminista. Por eso, el primer nivel de la reflexión busca hacer una evaluación de la igualdad simbólica y la desigualdad real presente en el documento final en torno al tema. Posteriormente, se explica en qué medida Medellín se convirtió en un acontecimiento libertario fundacional. Acto seguido, se retoma la categoría *opción por los pobres* en toda su riqueza, para luego hacer un acercamiento crítico a sus implicaciones. En último lugar, el artículo propone los horizontes abiertos para la teología feminista en la sociedad actual.

Palabras clave: Medellín, teología feminista, opción por los pobres, teología de la liberación, mujer.

Medellin and the feminsit theology

Abstract

This article seeks to establish the relationship between the Medellin Conference and feminist theology. Therefore, the first level of reflection seeks to make an evaluation of the symbolic equality and real inequality present in the final document on the subject. Later, it is explained to what extent Medellín became a foundational libertarian event. Then, the category option for the poor is retaken in all its richness, to finally make a critical approach to its implications. Lastly, the text proposes open horizons for feminist theology in today's society

Keywords: Medellín, feminist theology, option for the poor, liberation theology, woman.

Introdução crítica

A conjunção e que liga no título desta reflexão a Conferência Episcopal de Medellín à Teologia Feminista é até certo ponto inapropriada se, se tratar de cronologia e de conteúdos explícitos. A temática que me foi proposta merece por essa razão uma reflexão crítica a título introdutório.

Sem dúvida há uma ligação entre o evento Concílio Vaticano II e Medellín. Há também uma ligação entre a criação por alguns bispos progressistas do Pacto das Catacumbas em Roma e a própria Conferência de Medellín. Entretanto, a possível relação temporal entre o documento de Medellín e a Teologia feminista na América latina me parece uma ilação indevida. 1968 não foi o tempo da teologia feminista latino-americana! Ela veio depois e, talvez inspirada por outras situações, outros movimentos e outros acontecimentos locais e mundiais.

Entretanto, alguns anos depois da Conferência de Medellín teólogas feministas puderam retomar o texto aprovado e chegaram a afirmar que desde o feminismo, a opção pelos pobres poderia ser traduzida como opção pelas mulheres pobres. E de fato algumas o fizeram não só através de seus escritos, mas de seu compromisso efetivo com diferentes grupos populares (Gebara, 1987). A opção pelas mulheres pobres e sua complexa problemática foi feita por mulheres e sem o apoio explícito de muitos homens de Igreja. Mesmo assim a inspiração de Medellín foi lida por algumas mulheres, especialmente teólogas a partir de uma ótica diferente, ótica que se ajustava aos clamores ouvidos por toda a América latina sobre os direitos específicos das mulheres, e essa leitura como era de se esperar nem sempre foi do agrado da hierarquia católica.

Não podemos esquecer que o Concílio, as Conferências episcopais e o Pacto das Catacumbas, que antecederam a Conferência de Medellín não tiveram a presença de mulheres com iguais poderes de participação e de decisão. Apenas poucas foram convidadas sem direito a discussão em todas as sessões e sem direito a voto. Além disso, a situação social de exploração das mulheres cristãs nunca pode ser evocada e analisada como uma problemática que merecia atenção especial.

Medellín como se costuma dizer foi a tradução do Concílio Vaticano II para a situação da América latina. Do ponto de vista eclesial e eclesiológico manteve a mesma estrutura de organização e de participação. Cabia a Igreja hierárquica masculina, nomeada como *a Igreja*, analisar as situações do mundo, refletir à luz da Bíblia e orientar o *povo de Deus*. O mesmo esquema tradicional dos pastores falando em geral a seu rebanho muitas vezes sem conhecer as reais questões e a identidade social e sexual do rebanho!

Assim sendo, Medellín foi, na realidade, uma assembléia de prelados, de bispos que representavam a Igreja *Povo de Deus* e que se abriram aos clamores do mundo especialmente ao mundo dos pobres. Há sem dúvida um mérito nisso, uma clareza de opções sociais identificadas ao seguimento de Jesus de Nazaré, sobretudo num tempo em que o autoritarismo militar e as teorias desenvolvimentistas grassavam a maioria dos países da América latina.

Reconhecer os méritos de Medellín não significa desconhecer sua debilidade em muitas problemáticas. Por isso quero fazer uma distinção entre a presença de mulheres na Conferência de Medellín e em outras assembléias da Igreja Católica e a presença do feminismo ou a presença de um pensamento crítico feminista em relação à limitada cidadania eclesial das mulheres e as relações de poder no interior da Igreja. Tal distinção nos ajudará a perceber de forma crítica alguns consolos comumente usados para falar das mulheres e de sua pouca representatividade nas estruturas de poder e decisão da Igreja.

Por um lado, costuma-se afirmar que as mulheres presentes eram ativas e intelectualmente bem formadas, religiosas e leigas reconhecidas pelo trabalho que faziam. Não duvido de sua competência. Entretanto, na perspectiva de minha reflexão não basta ser mulher identificada ao sexo feminino e bem formada para de fato levantar a bandeira da questão dos direitos das mulheres. Assim como não basta ser homem bem formado para levantar a questão da injustiça vivida pelos pobres. Por isso, é insuficiente ser mulher para de fato propor questões relativas aos direitos das mulheres na Igreja. Dizendo isso não faço nenhuma crítica às mulheres daquele tempo que marcaram alguma presença no Concílio e em Medellín. Respeito-as e até admiro-as. Mas chamo a atenção aos falsos consolos usados pelo mundo patriarcal atual para obscurecer a realidade nua e crua da exclusão ou do encobrimento real de pessoas tão freqüente nos meios eclesiásticos.

Por outro lado é muito comum, para acalmar as reivindicações das mulheres apresentar sublimes meditações teológicas em relação ao papel da Virgem Maria, Mãe de Jesus como sendo por sua condição de mãe superior aos apóstolos. Esta é uma forma de consolo oferecido aos fiéis especialmente às mulheres até nos dias de hoje e que encobrem as injustiças de gênero presentes na sociedade e nas instituições religiosas que inclusive reforçam estereótipos sociais. Em geral essas reflexões e as referências a figuras femininas aparecem nos documentos quase sempre no final da apresentação da eclesiologia como para indicar que no coração da dogmática as mulheres têm papel secundário. É quase como uma coroação simbólica do ideal de submissão de Maria ao seu Filho e a Deus. A

mesma simbologia da Mãe amorosa, mas dependente das figuras do Pai e do Filho se reafirma no imaginário eclesial e no texto impedindo que as novas antropologias sejam integradas nos discursos oficiais da Igreja. Há uma fixação teórica e dogmática que exclui as mulheres. Nessa linha, mais uma vez, creio que a questão não é apenas a da presença de mulheres como sujeitos silenciados nas discussões e ausentes nas Assembléias gerais de votação dos documentos. Trata-se da ausência de sujeitos que representariam um dissenso em relação à ordem clerical estabelecida e ao discurso oficial sobre as mulheres; trata-se da ausência deliberada de sujeitos históricos que não têm garantida a igualdade na expressão de sua palavra e na construção de um consenso mínimo eclesial. Isto tem sido repetido continuamente nas diferentes estruturas de governo e reflexão da Igreja Católica incluindo-se as faculdades de Teologia e os Seminários.

Segundo a teóloga brasileira Maria Cecília Domezi no artigo 'A mulher na Conferência de Medellín' havia seis religiosas e quatro consultoras leigas para 14 religiosos e 11 homens consultores (Domezi, 2018, p. 87). Maria Cecília fala da importante contribuição delas nas diferentes comissões, mas não sabemos bem qual foi essa contribuição e em que medida estas foram acolhidas. Além disso, todas essas mulheres apesar de sua formação e seus méritos foram mulheres anteriores ao feminismo cristão como fenômeno introduzido no mundo religioso. Sua atuação foi anterior as abordagens de gênero, sexualidades diversas, classe e etnia que tanto desafiam a Igreja e a teologia nos dias de hoje. Igualmente não conheciam a teologia feminista negra, a teologia feminista branca, as teologias comunitárias misturadas às tradições indígenas e desenvolvidas posteriormente em países como Peru, México e Guatemala porque ainda não estavam elaboradas.

Da mesma forma não enfrentaram a problemática da diversidade sexual e as reivindicações sobre os direitos sexuais e reprodutivos em pauta na maioria dos países da América latina em nossos dias. Mais uma vez, as mulheres presentes não podiam dar uma contribuição diferente daquela que deram ou que lhes permitiram dar. Entretanto, ousar crer que se Medellín se realizasse de novo hoje as teólogas feministas e as ativistas da diversidade de movimentos de mulheres não seriam convidadas como participantes ativas. Depois de 50 anos embora abalada, a estrutura patriarcal eclesial continua de pé e agindo de forma bem pouco dialogal em relação às propostas diferentes daquela defendida por sua ordem estabelecida. Poderíamos por isso nos perguntar sobre o futuro das mulheres feministas na Igreja. Essa interrogação que deixo em aberto vai nortear entre outras o conjunto da reflexão que segue.

1. Igualdade simbólica e desigualdade real

Medellín foi um espaço institucional ausente para as mulheres porque não abordou sua problemática de forma específica. Embora algumas estivessem presentes em algumas sessões, na realidade a maioria das mulheres fisicamente presentes estava no único lugar que lhes é oficialmente reconhecido: o lugar da casa, do mundo doméstico da limpeza e da cozinha. Podiam ser vistas discretamente na preparação dos alimentos consumidos pelo episcopado reunido, no cuidado com as roupas dos prelados e na limpeza de seus quartos. Estiveram nos locais da Conferência ajudando e ajudando sempre dentro dos limites do mundo doméstico. E, sabemos bem que sua corporeidade e igualdade de direitos continua negada no trabalho doméstico invisibilizado, sobretudo nas igrejas. Por isso reafirmo que não estiveram presentes nos pensamentos, na voz, na representatividade, nas problemáticas vividas durante a Assembléia e na redação do texto. Alguns podem alegar que as mulheres são incluídas no conjunto das Conclusões de Medellín (1968) e que pleitear referências específicas é extrapolar o teor de um documento eclesástico e quebrar a concepção da sucessão apostólica tão difundida no episcopado. Entretanto, não se trata apenas de ver no texto as mulheres citadas ou mesmo ver uma alusão a questão da violência social e sexual contra as mulheres, mas de perceber que existe uma estrutura androcêntrica própria do Cristianismo, retomada pelos documentos eclesásticos dos quais, Medellín não foge. Esta estrutura condiciona a vida cristã dentro de modelos pensados e propostos pelos homens e que conseqüentemente marca uma insistente hierarquia de gênero que mina todos os conceitos teológicos.

Na Igreja hierárquica institucional vigora ainda um conceito de igualdade simbólica e desigualdade real secundados pelo discurso sobre a bondosa e sábia vontade divina e o lugar específico de cada ser humano. O conceito de igualdade usado nos discursos clericais ilude a afirmação de direitos reais e mantêm a exclusão das mulheres de lugares decisórios. E mais, usam o genérico, homens e mulheres arrancando-os de suas situações reais, de seus contextos próprios, de suas dores e crenças reais.

As teorias igualitárias desenvolvidas no cristianismo clerical pretendem que todos os seres humanos sejam tratados com igual consideração salvo quando há razões de impossibilidade real para isso. Este seria o ponto de partida num discurso de boa consciência, mas que não tem nenhuma performatividade no mundo real das relações humanas. Não corresponde a um desejo efetivo habitando uma prática, sobretudo nos corpos clericais e em outros corpos similares que se reproduzem a partir deles.

Sabemos bem o quanto somos diferentes em todos os aspectos que constituem a nossa vida. Não seria então mais razoável afirmar nossas diferenças e a necessidade de diálogo entre elas do que afirmar uma idealizada igualdade fundada no hipotético amor de Deus pela humanidade e mantida formalmente pelos hierarcas? Na observação da vida cotidiana vemos o quanto o tratamento que damos a uns e outras são sempre marcados pela diferença de valoração. Os que pensam como nós e, os que são nossos filhos e filhas, nossos amigos mais próximos têm certamente privilégios e tratamentos diferenciados e apesar disso mantemos o discurso da igualdade. Por quê? O que de fato ele significa?

Por essa razão ousamos afirmar que o discurso sobre a igualdade simbólica, ou sobre o amor igual à humanidade está baseado numa forma de ilusão não fundada na realidade das relações humanas. Por que mantê-la? Para quem serve? De onde surgiu e por quê? Não estaríamos acaso repetindo certo *rousseauianismo*¹ afirmando um estado de natureza bom de onde teríamos provindo e um estado de corrupção que nos viria da sociedade? Ou para ir mais longe, não estaríamos ainda num criacionismo ingênuo segundo o qual fomos criados bons e iguais, mas o pecado original, *provocado por Eva* nos teria corrompido?

Creio que nos habituamos a valorizar mais os ideais, os sonhos, o final dos tempos, a Parusia, o céu e suas perfeitas realidades do que as oposições e contradições reais que existem nas históricas vidas humanas, contradições que nos fariam talvez avançar no desdobramento de nossa humanidade comum se de fato as acolhêssemos. Tudo isso é confrontado a algo que temos medo de admitir, ou seja, que nosso mundo é um lugar injusto, desigual e cruel apesar dos muitos gestos de bondade, solidariedade, justiça e compaixão que nos sustentam. E ao dizer *nosso mundo* estamos afirmando que se trata de nosso mundo humano, portanto, também de cada um de nós e das Igrejas. Por essa razão falamos de igualdade simbólica e desigualdade real. Ambas brotam da vida real onde a violência como força de múltiplas direções nos habita, constrói e destrói. E, contudo, é preciso sempre lembrar, que igualmente nos habitam o desejo de justiça, de amor, de liberdade, de sororidade, e de fraternidade.

Nessa linha, creio que o desafio lançado aos textos eclesiásticos é o de não apresentarem uma análise em que se reconheçam os limites dos discursos passados e presentes, de não admitirem publicamente os limites dos discursos eclesiásticos e até dos textos bíblicos escritos e lidos em contextos diferentes. Fazer uma autocrítica do que pensam os bispos e outros prelados não parece um

1 Refiro-me ao filósofo francês Jean- Jacques Rousseau.

comportamento comum da hierarquia. Por essa razão, admitir que somos habitados/as por algo constitutivo que parece ser o condimento de todos os nossos atos é um passo importante. Trata-se da *violência* de muitas formas que nos habita mesmo quando dizemos que tal pessoa é pacífica ou quando nos consideramos a nós mesmos não violentos. De repente comportamentos violentos às vezes sutis irrompem em nós mostrando que ninguém é isento dessa espécie de energia ambígua que nos habita e nos faz viver. E ela está fortemente presente no mundo da teologia cristã, na sua moral, na sua política, nas estruturas de administração e governo da Igreja. É isso que as mulheres denominaram de *violência patriarcal* presente no atual cristianismo das Igrejas.

Dizer que a violência nos habita pode parecer estranho quando estamos tentando ajudar a superar a violência social nas suas expressões mais comuns e cotidianas. Nessa linha, a título de ilustração, é bom lembrar que nos Evangelhos essa ambigüidade da violência está sempre presente. A missão de Jesus, por exemplo, no Evangelho de Marcos começa sob o signo da violência. Ele é simbolicamente levado ao pináculo do Templo e é tentado pelo demônio, ou seja, pelas forças de negatividade e destruição que nos habitam. Se cedermos a elas, elas nos aprisionam e dobraremos os joelhos diante delas. Por isso Jesus tenta sempre de novo manter sua liberdade diante delas. Entretanto, reconhecido por seus amigos e contemporâneos como “aquele que sempre fez o bem” acabou sua vida vítima do próprio bem que fez. Foi perseguido, crucificado e morto. Não teve sua vida poupada por nenhuma força superior. Até o povo ao qual ele se considerava tão próximo gritou “Crucifiquem-no e soltem Barabas”. Seus amigos próximos o renegam por medo de serem condenados e sofrerem a mesma sorte.

A desigualdade nas relações é, portanto flagrante na vida de Jesus e na vida das mulheres e homens que dedicaram suas vidas à prática do bem. Por isso estamos sendo convidadas/os a rever nossas formas de pensar, nossos dualismos e essencialismos exagerados que são também produtores de injustiça e de violência. Estamos sendo convidadas a acolher a *mistura* que somos, a mistura que nos constitui, o “joio e o trigo” que nos habitam, para abrir novas formas de compreender a nós mesmas/os e ao nosso mundo. Este convite, na tradição de Jesus é para todos nós sabedores das contradições que vivem em nós, porém desejosos que o bem comum triunfe entre nós na acolhida dos novos momentos de nossa história e com eles a evolução das interpretações patriarcais para interpretações mais inclusivas de nossa tradição.

2. Medellín como acontecimento libertário fundacional da Igreja da América Latina

Diante desse quadro será que se pode afirmar como o fizeram alguns teólogos e historiadores da América latina que Medellín pode ser considerado um acontecimento libertário fundacional da Igreja latino-americana. Creio que esta afirmação tenha um valor histórico circunstancial na medida em que reafirmou a opção pelos pobres como uma opção inequívoca do Evangelho de Jesus. Mas se é inequívoca no Evangelho não o foi totalmente em Medellín e, nos 50 anos que se passaram depois do evento. Cabe-nos refletir de forma breve sobre o significado do termo *fundacional* aplicado de diferentes formas e nuances a Medellín.

Fundacional quer dizer que deu os fundamentos ou que iniciou algo novo. Mas que fundamentos são esses quando mais da metade dos membros dessa instituição não tiveram representação e não foram ouvidas? Fundacional porque falou da opção pelos pobres? Mas, como não falar dessa opção diante da pobreza endêmica da América latina? Como não falar de pobres diante das consequências nefastas das ditaduras militares que assolavam os diferentes países? Como não falar de pobres diante da fome e da morte de milhares de crianças que não chegaram ao primeiro ano de vida e de jovens pobres, sobretudo negros assassinados pelo tráfico de drogas e por milícias a serviço de privilegiados? Fundacional tem a ver com fundações de uma construção. Tem a ver com uma construção de bases reais que possam sustentar comportamentos sociais, políticos e religiosos. Tem a ver com a continuidade dessas fundações reconhecidas e continuadas pela comunidade de fiéis.

Nessa perspectiva não acredito que Medellín continue sendo *fundacional* para a Igreja latino-americana hoje no seu conjunto. Há, 50 anos atrás, retomou sim algo forte presente no Evangelho que guarda sua enorme importância. Talvez, por isso, alguns teóricos e alguns movimentos sociais de corte popular tornaram Medellín uma grande narrativa latino-americana, o grande documento que iria retomar o Concílio e o Evangelho para nosso continente e libertar os pobres de sua opressão social, econômica e cultural. Essa grande narrativa está em crise nos tempos atuais. O fundacional hoje é, a meu ver, a diversidade, a multiplicidade de posições que naquela época e em outras sempre caracterizou a vida dos católicos do continente, mas que não éramos capazes de enxergá-la de fato e, sobretudo lidar com ela.

Podemos admitir que Medellín tenha sido fundacional para a teologia da libertação visto que ela se refere a esses documentos como fonte de inspiração e de

compromisso da Igreja a partir de 1968. Uma teologia que de fato mudou nossa visão do compromisso social cristão chamando nossa atenção para as relações e consequências políticas dos discursos religiosos. Assim, Medellín torna-se, de fato, um marco para alguns. Entretanto, a partir desse singelo marco não se pode absolutizar para toda a Igreja da América Latina. Sabemos o quanto, ao mesmo tempo movimentos tradicionalistas insistiam em combater a teologia da libertação. Sabemos o quanto por várias vezes a orientação da Igreja latino-americana em relação aos pobres foi criticada pelo Vaticano e por setores locais. E sabemos que as principais reivindicações das mulheres foram rejeitadas pelos ouvidos clericais. Não podemos esquecer que todo o movimento libertário na Igreja Católica latino-americana foi atacado sistematicamente por Roma com argumentos oferecidos pelos setores mais reacionários da América latina. Desde 1972 a campanha contra Medellín foi dirigida pelo bispo Alfonso López Trujillo. Basta buscar os documentos! E, no pontificado de João Paulo II a pressão contra a teologia da libertação aumentou e também a perseguição contra as mulheres teólogas feministas embora esse fato não tenha merecido muita divulgação. No pontificado de Bento XVI a pressão continuou de forma mais sutil. Mais uma vez a questão do *fundacional* merece uma revisão crítica mais ampla. E a partir dela precisaríamos igualmente levantar a questão da linguagem dos documentos da Igreja. Para quem são escritos? Quem pode compreendê-los? Quem pode interpretá-los e ensiná-los?

Ouso afirmar que a linguagem, as metodologias que usam para analisar os fatos assim como as conclusões a que chegam revelam a necessidade de um novo estilo de diálogo com a complexidade do mundo de hoje. Apenas algumas conclusões chamadas evangélicas se tornam insuficientes porque se apresentam amplas e idealistas demais. Além disso, a garantia da autoridade episcopal e papal já não convoca mais os fiéis ordinários e nem as fiéis críticas da lógica teológica patriarcal. O caminho de, de fato permitir que as diferentes comunidades redijam seus textos e convoquem-se mutuamente para cuidarmos uns dos outros está na pauta dos novos tempos. Há muito trabalho a ser feito nesse particular para sairmos de uma espécie de universalismo formal que mais parece uma camisa de força que envolve nossos corpos e convicções do que uma fonte de energia e criatividade necessárias à manutenção da vida. Nesse particular valeria à pena retomar o clássico livro *Teologia da Libertação* de Gustavo Gutierrez (1971) para termos uma idéia mais clara da evolução da teologia como inteligência da fé e como sabedoria e para continuarmos essa história nos dias de hoje. Nela as rupturas introduzidas pelo feminismo deveriam ser apresentadas não só como formas de protesto da “humanidade pisoteada” e esquecida, mas como fermento novo que faz crescer a tradição cristã em nossos tempos.

3. A opção pelos pobres

A opção pelos pobres afirmada em Medellín é retomada pelas teólogas como opção pelas mulheres pobres (Gebara, 1987). Mas, é retomada depois de dez anos depois de Medellín. O feminismo teológico na América latina começa a ter uma tímida expressão a partir do final da década de 1970 (Gebara, 1978). De que trata essa opção?

Mais além do espelho patriarcal masculino as teólogas quiseram introduzir um espelho mais real das relações humanas fazendo aparecer a participação das mulheres em diferentes lutas sociais em favor delas mesmas. No espaço real as injustiças sociais eram injustiças elas mesmas diversificadas e plurais que envolviam dores em corpos reais diferentes. Elas saíam das afirmações genéricas para enfrentar-se a nomes, situações concretas, pequenas e grandes reivindicações reais nascidas nas comunidades populares e nos locais de trabalho. Saíam do discurso sobre “a opção” evangélica para enfrentar-se às duras realidades dos diversos tipos de violência contra os corpos femininos.

Entretanto, na Igreja patriarcal os corpos das mulheres mantêm a imaginária sublimidade do corpo de Maria, a poesia da maternidade voluntária e ao mesmo tempo o corpo da transgressão de Eva e da tentação de obedecer mais a si do que a ordens incompreensíveis. Tanto a maternidade quanto a transgressão são controladas pelo mundo patriarcal eclesial. Os homens da Igreja não cessaram de bendizer e maldizer esses corpos e ao fazerem isso se tornaram de certa forma donos da ordem designada para eles.

Clericalismo, militarismo e autoritarismo são misturados de benevolência e decente compaixão por nossos corpos. Fazem discursos sobre nós... Escutam-nos e aconselham. Julgam-nos e perdoam ou condenam. Entretanto, à luz do feminismo estamos afirmando que homens celibatários não podem falar com autoridade das mulheres, não podem legislar sobre sua sexualidade, seus problemas econômicos ligados a seus problemas sexuais, seus problemas religiosos também ligados aos econômicos, sexuais e identitários.

A opção pelos pobres feita em Medellín não incluía as mulheres reais e os sofrimentos reais de seus corpos e de suas mentes. Algumas teólogas feministas desnudaram as capas da opressão e da benevolência paternal e patriarcal que romantiza o fato de Deus ter escolhido uma mulher como mãe de seu próprio Filho. Com isso eles encobrem a opressão e o controle sobre esses corpos a partir de uma romântica e imaginária dignidade que lhes é atribuída (Althaus-Reid, 2005).

De fato, encobrimos algo quando não nos interessa mostrar. Encobrimos com discursos gerais, amplos e inclusivos. Porém a inclusividade se faz a partir

de uma exclusividade segundo a qual quem dá as regras sou eu. Estão incluídos na minha maneira de ver e de ser no mundo apenas aquelas e aqueles que se submetem à minha visão. Não podem guardar suas diferenças, mas devem ser o que quero que sejam ou o que Deus quer que sejam, o que na realidade dá quase no mesmo.

Muitas vezes teólogos e professores de teologia rejeitam a contribuição da teologia feminista em vista de uma compreensão mais inclusiva do Cristianismo afirmando que suas teses são culturais e não teológicas. Seus argumentos giram em torno a uma consideração de que o núcleo central da teologia não é cultural, mas é Deus irrompendo na História através da Encarnação. Um Deus apenas com rosto histórico masculino! Embora sejamos capazes de respeitar esta velha postura patriarcal que também nos educou não podemos deixar de admitir os limites que a povoam, sobretudo quando, canoniza a dogmática masculina como Revelação divina e as reivindicações das mulheres como meros problemas de cultura. Há graves problemas epistemológicos nas posturas de alguns teólogos representantes do Magistério da Igreja. Colocam a cultura abaixo da teologia como se esta também não fosse cultura.

O livro *Jesus, símbolo de Deus* do teólogo Roger Haigh expando o pluralismo das cristologias denuncia de forma extremamente esclarecedora os limites das teologias e cristologias tradicionais. Em relação às cristologias feministas escreve: “Na medida em que o androcentrismo controla o significado de Jesus Cristo, a Cristologia feminista é levada a questionar como uma figura masculina de salvador pode oferecer a salvação às mulheres” (2003, p. 37). Em outros termos, temos o dever de rever nossas teologias tornando-se inclusivas nos conteúdos e nas formas. Essa tem sido uma das contribuições das teologias feministas diante das diferentes formas de dominação religiosa cúmplices das dominações políticas e econômicas.

Por isso, dialogar com idéias diferentes não é tão complicado, mas a dificuldade é dialogar com corpos diferentes e suas diferentes histórias e expectativas. A dificuldade é conviver com corpos diferentes no mesmo espaço, dividir com eles responsabilidades e decisões. O melhor então é encobrir sua existência reafirmando a hierarquia dos seres justificada pelos mandamentos divinos. E justificam essas posições por um desígnio ou mandamento divino oculto aos olhos da história, mas afirmado como sendo parte da fé em Deus Pai todo poderoso. Afinal os teólogos não são seus herdeiros diretos, seus representantes!

Por isso perguntamos: quais são os lugares frequentados por aqueles que escrevem os documentos eclesiais? Escrevem para quem? E segundo que modelo de bem e justiça fazem suas propostas? Não seria muito vago dizer segundo Deus ou o Evangelho? Penso que escrevem para eles mesmos e para os que como

eles podem manter o poder sobre os corpos. Escrevem à sua maneira apaixonados mais pelas idéias que pela realidade real das pessoas. A realidade... O que é isto que chamam a realidade? As figuras, os desenhos mentais que fazem sem sentir o cheiro das ruas, das dores, dos sofrimentos e das privações diferenciadas que se escondem nos bairros periféricos ou nos centros das grandes cidades? Mais uma vez precisamos pensar no sentido da opção pelos pobres pelas Igrejas cristãs depois dos 50 anos de Medellín. O que significa ela?

4. Dificuldades do velho modelo de opção pelos pobres

A eficácia do modelo de Igreja dos pobres proposto por Medellín e a teologia que o fundamenta está sendo questionada hoje pela irrupção ainda maior da diversidade religiosa, cópia da diversidade de mercadorias oferecidas pelo capitalismo mundial. A religião tornou-se mercadoria de consumo, sobretudo pelos mais pobres e desprotegidos. É nela que buscam ajuda e consolo para as múltiplas dificuldades cotidianas.

Nesse sentido a opção pelos pobres como política de Igreja se vê de certa forma volatizada e impedida de desenvolver-se nos novos contextos sociais de nossos países. Por isso, os frutos de Medellín, sobretudo aqueles esperados a partir da opção pelos pobres se vêem negados pelos atuais governos muitos com o aval da Igreja Católica.

A opção pelos pobres continua para muitos, mas sem eficácia real dentro das instituições da Igreja, salvo pequenas exceções. Mantém-se como palavra de fraca poesia e fraca performatividade na maioria de lugares. A busca de milagres vindos do céu é que tem ganhado os espaços. Já que a terra não pode nos dar os frutos, peçamos o maná vindo dos céus. Já que fomos expulsos do paraíso terrestre agora só nos resta que depois “desse desterro, possamos ver Jesus” nos céus e com ele gozar a vida eterna.

O assombroso aumento de movimentos religiosos, de templos gigantescos, de sacerdotes e pastores milagreiros e exorcistas nos distancia do mundo como obra também de nossas mãos, nos distancia da responsabilidade de plantar e colher para comer de nosso trabalho. Esses novos movimentos também repudiam as mulheres autônomas e, sobretudo o que possa cheirar a feminismo.

Hoje, para que pobres falamos? Os nossos, os latino-americanos ou também para aqueles milhões de pobres que chegam dos quatro cantos do mundo a procura de um lugar para viver? A migração no mundo alcançou cifras imprevisíveis e nem podia ser assunto em Medellín. E nessas migrações as mulheres de

novo aparecem como aquelas que não apenas carregam sua vida, mas a vida das crianças que as acompanham. Mulheres, sujeitos ausentes ou presentes! Sujeitos invisibilizados nas instâncias de produção de conhecimento teológico e nas instâncias decisórias, mas bem presentes no submundo da miséria e nas muitas lutas pela dignidade humana.

O que há de novo em nossa opção pelos pobres hoje? É a pergunta que precisamos nos fazer. Creio que novas análises locais e globais se impõem e a partir delas a possibilidade de um ecumenismo bem mais amplo do que aquele que vivemos, um ecumenismo para além do Cristianismo, um ecumenismo inclusive que nos permita aprender mais dos diferentes, dividir com eles a responsabilidade de um mundo comum, de um planeta que é nosso corpo e nossa Vida.

5. O que resta hoje de Medellín?

Memórias. Memórias escritas e discursadas. Saudosismos talvez, sobretudo masculinos de combatentes do passado que ainda se regozijam de seus feitos e não querem ser esquecidos. Reproduzem velhas idéias libertárias, mas que parecem ter perdido a eficácia e a força dos anos 1970 e 1980.

Não quero ser dura com esse passado que é em grande parte também minha história. Quero dar graças e seguir em frente. As celebrações em torno de Medellín não foram objeto de interesse das mulheres. Fomos sujeitos ausentes e, portanto sem representação e reconhecimento nessa História recente da Igreja Católica.

Hoje o catolicismo popular se alimenta, sobretudo, dos grupos *mágicos, milagreiros* e *espiritualistas* que vem ganhando terreno. O catolicismo pentecostal cresce a olhos vistos e têm dado uma resposta imediata às dores populares através de milagres, música e de água benta para sanar males que atingem os diversos corpos. A dimensão ética do Evangelho de Jesus é quase esquecida. Sublinham-se milagres de cura realizados pela força de pastores que afirmam estar revestidos do poder de Deus. De que Deus? Muitas mulheres continuam sendo consumidoras desses benefícios.

Vivemos outro momento da história do mundo e do catolicismo e pouca coisa parece ter mudado na dogmática católica. A estabilidade e fixidez dos conceitos teológicos regulados pela autoridade do Magistério vêm sendo amplamente criticada não só por cientistas, mas pelas filósofas e teólogas feministas. Instituições, formas de organização, valores e conteúdos teológicos são frutos dos diferentes contextos em que são vividos. Mas, quando essas formas encobrem direitos de

mulheres, negros, indígenas, pessoas de orientações sexuais não binárias e proibem sua representatividade e direitos passam a agir contra os conteúdos que pretendem defender. É nesse sentido que por um lado as teólogas feministas não têm poupado esforços para reler de forma crítica e inclusiva a tradição da Igreja e por outro o Magistério da Igreja tem impedido ações e pensamentos que signifiquem uma igualdade de direito e de representação dos diferentes grupos.

Para nós teólogas feministas abrir a tradição ética de Jesus para os desafios do mundo atual não é repetir a dogmática tradicional e nem as formas de organização patriarcal tradicionais, mas injetar na Tradição novas tradições, novas leituras inspiradas pela Vida do Espírito e pelo Espírito da Vida. A recusa de outra maneira de viver e pensar as comunidades cristãs vem crescendo na instituição eclesial e ao mesmo tempo, tal recusa está anunciando novos tempos e as novas maneiras em que a Tradição dos Evangelhos vai tomar novas formas e fermentar as relações humanas. Ainda não sabemos como será amanhã, mas sabemos como está sendo hoje, sabemos das sementes diversas que tem brotado em muitos lugares do mundo, sementes que anunciam uma renovação da justiça e da ternura entre nós, nós que estamos vivendo em meio aos imensos campos de competição e ódio, de exploração e corrupção que atingem todas as instituições que nos circundam e das quais somos também parte.

Para concluir

Medellín foi um marco importante para muitos há 50 anos. Hoje precisamos avançar, sobretudo reexaminando a complexa realidade dos povos da América latina. Nesse sentido é preciso acolher o fato de que a referência aos discursos da tradição masculina e teórica das Igrejas deve ser revisitada diante das novas referências que os crentes introduzem em suas vidas. Hoje, os sujeitos individuais na sua complexidade não se obrigam mais a se coadunar a Tradição do Magistério, mas fazem uma colagem de sua própria identidade religiosa, de forma mutável e muitas vezes transitória. O Magistério corre o risco de falar para si mesmo e para uma elite majoritariamente clerical que compreende sua linguagem. Por isso, os próximos 50 anos são imprevisíveis para as Igrejas cristãs e em especial para o Catolicismo. Suspeito que esse modelo de Igreja hierárquica e dogmática anuncia seu próprio fim. Enquanto a novidade é tecida em meio à nossa História guardemos a caridade e a justiça. Abramos um diálogo maior entre os diferentes grupos humanos sem a pretensão da verdade única que seria o privilégio dos cristãos. O universo do qual fazemos parte é infinitamente maior do que nossas

teorias. Basta olhar as estrelas ou contemplar as formigas carregando folhas verdes para seu formigueiro. Afinal quem somos nós? Apenas seres frágeis com a pretensão de dominar o mundo e as forças que o inventaram...

Um novo momento se abre para nós como se um grande 'salto vital' estivesse sendo coletivamente preparado. Aguardemos vigilantes as pequenas luzes desse grande acontecimento, desse kairós, sem dúvida, em grande parte anunciado, manifestado e vivido por nós mulheres. Ele vem acontecendo devagar, não de forma estrondosa, não com propagandas gigantescas, não com novos concílios ou assembléias clericais, mas quando duas ou três estiverem reunidas em seu próprio nome acreditando que o amor e a justiça as habitam e podem renovar a face da Terra.

Bibliografía

- Althaus-Reid, M. (2005). *La teología indecente. Perversiones teológicas en sexo, género y política*. Barcelona, España: Edicions Bellaterra.
- Boff, L. (2008). *Eclesiogênese: a reinvenção da Igreja*. Rio de Janeiro, Brasil: Record.
- II Conferencia Geral do Episcopado Latino-Americano. (1968). *Conclusões de Medellín*. São Paulo, Brasil: Edições Paulinas.
- Domezi, M. C. (2018). *A mulher na Conferência de Medellín*. In *Medellín Memória, profetismo e esperança na América latina*. Organizado por Ney de Souza e Emerson Sbardelotti. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Gebara, I (1978). La Iglesia de América Latina comprometida con los pobres. *Cristianismo y sociedad* 58, 25-32.
- Gebara, I. (1987). La opción por los pobres como opción por las mujeres pobres. *Concilium* 214, 463-472.
- Gutiérrez, G. (1971). *Teología de la Liberación*. Lima, Perú: CEP.
- Haight, R. (2003) *Jesus símbolo de Deus*. São Paulo, Brasil: Edições Paulinas. DOI: <https://doi.org/10.5752/1460>
- Schüssler Fiorenza, E. (1995). *Discipulado de Iguais. Uma Ekklesia - logia feminista crítica da Libertação*. Petrópolis, Brasil: Vozes.

